

NOTA

Países Abertos, Cidades Fechadas

Luis Felipe CABRALES BARAJAS (coord.), 2002, *Latinoamérica: países abiertos, ciudades cerradas*, Universidad de Guadalajara/ UNESCO¹.

A crescente internacionalização das economias e sociedades e a globalização assentam na “abertura dos países” e têm vindo a reforçar tendências no sentido do localismo, da fragmentação dos territórios, do “fechamento das cidades”. Segundo Fernando Gaja I. Díaz (p.482-483): “El cierre de los espacios urbanos, la aparición de urbanizaciones o enclaves aislados, es una más de las manifestaciones de una epidemia que aqueja al espacio urbano de todo el planeta: el de su insularización y privatización. (...) Estamos ante un fenómeno mundial que hunde sus raíces en la segregación creciente, y en su derivada: la inseguridad ciudadana. Com particularidades y especificidades, porque nunca será igual la “ciudad cerrada” de una sociedad en expansión (demográfica y urbanística) en la “periferia local”, que la de otras más o menos estabilizadas en el centro”. O título do livro transmite, de imediato, essa ideia de que a globalização, a perda das fronteiras nacionais parece ter levado à necessidade de criar, ao nível local, outros “muros” para encontrar novas identidades, novas formas de controlo social e de segurança, num movimento que se estendeu a todo o mundo mas com especificidades entre países. O caso da América Latina constitui o objecto central das análises apresentadas.

O livro, publicado durante o Colóquio com a mesma designação, apresenta grande riqueza de informação teórica e de reflexões, sobretudo nos artigos de Alfonso Valenzuela Aguilera, Eloy Mendéz Sáinz e Luis Felipe Barajas-Elia Canosa Zamora (os restantes têm ênfase mais empírica, sem menosprezar a teorização, pois fora uma das condições impostas aos comunicantes). Dele vamos destacar 3 aspectos: i) o contexto do aparecimento destas formas urbanas e as dicotomias em

¹ O livro foi lançado no colóquio com o mesmo nome e contém as comunicações apresentadas, resultado em grande parte de projectos de investigação financiados pela UNESCO.

que assentam estes “fraccionamientos cerrados”, ii) as várias gerações na difusão desta morfologia urbana e iii) os efeitos na organização do território. Sendo difícil dar conta da riqueza e da diversidade de todos os casos estudados, concluímos com algumas reflexões que constituem as principais linhas de investigação e nos remetem directamente para os títulos dos artigos.

O contexto do aparecimento das “urbanizaciones cerradas” e as dicotomias em que assentam

Os países da América Latina, caracterizados pela abertura das suas economias, caminharam para um fechamento acentuado das estruturas urbanas mais recentes, apoiado em novas centralidades, no reforço das tendências para a fragmentação do espaço e da segregação sócio-espacial. Esse fechamento pode ser observado desde os condomínios ou “fraccionamientos” privados e exclusivos até aos cortiços ou favelas do Rio de Janeiro, de Buenos Aires, da cidade do México e de muitas outras. Verifica-se também a introdução de formas muito diversas de controlo “dos de fora”, a apropriação de espaços e equipamentos outrora públicos ou de uso colectivo, a privatização da propriedade do solo público e do fornecimento e da gestão dos serviços, a existência de equipas de segurança privadas e de sofisticados equipamentos de segurança durante as 24 horas.

A lógica dos condomínios habitacionais fechados remete-nos para dicotomias, nomeadamente público/ privado, custos/ benefícios, campo-natureza/ cidade, bom/ mau, dentro/ fora, integração social/ segregação social, forma urbana fechada/ aberta, segurança/ insegurança urbana e violência, globalização e identidades, meio urbano, qualidade de vida e sustentabilidade, cidadania e direito à cidade, privatização, gestão urbana e governabilidade, medievalização e feudalização do povoamento, preservação do património. A explicação deste movimento, que se estendeu das periferias das grandes cidades para o seu centro, depois para as cidades médias e áreas de elevada qualidade ambiental, implica o recurso a conceitos, princípios e pressupostos, sobretudo: arquitectura hermética, novo urbanismo, espaços de simulação, utopias urbanas, utopias dos tempos livres, postmodernidade urbana, paisagem post-urbana e post-suburbana, territórios da globalização, comunidade como mundo imaginado, feudalização/ insularização/ medievalização da cidade, economias criativas, com base na imagem que vende, em estereótipos, cidades e aglomerações, fazer cidade, urbanização difusa, cidade dispersa, segregação social e funcional; fragmentação territorial, sentido de lugar, identidades, nostalgia do passado (pequenas comunidades com identidade e controlo social permanente), imaginário da natureza como harmonia e equilíbrio, felicidade, beleza, tradição, ecossistemas (mesmo que artificiais - as cidades - mas reproduzindo a imagem da natureza-cultura), paraísos artificiais, terra prometida, irrupção

do biológico, ordem natural das coisas legitimada pelos produtos liberdade, equilíbrio, bem-estar, comunidade, família, confiança, qualidade de vida, estética da natureza, retórica ecológica².

Nas ciudad-pueblo, ciudad-verde, pueblo-privado (Argentina) as associações de moradores frequentemente vedam os acessos a essas unidades urbanas mas é considerada uma prática ilegal pois, pelo menos, os espaços verdes e de circulação só são privados nos verdadeiros condomínios/fraccionamentos fechados em que as ruas, praças e jardins são propriedade dos residentes, justificando, assim, o seu fechamento aos “de fora”.

Os condomínios fechados estenderam-se das áreas de lazer, dos country-club, primeiro para as periferias das grandes cidades, depois para o interior destas e, mais recentemente, para as cidades médias; as áreas com valor paisagístico e de beleza rara têm mostrado elevada capacidade de atracção para estas unidades de povoamento com maior expressão nos países com forte dualismo social; a globalização e a intensidade das correntes migratórias em todos os continentes agravaram este dualismo e, por isso, reforçaram os factores que beneficiam a expansão daqueles. Os contextos mais propícios ao seu desenvolvimento são as fases de expansão da economia em que houve forte implantação de multinacionais como em Guadalajara, no México, com a Kodak, Motorola, Ralston Purina, etc., justificando-se para instalar técnicos e dirigentes; quase sempre correspondem a uma fase de expansão e modernização das cidades e de forte investimento público nas acessibilidades e equipamentos, simultâneo da localização das grandes superfícies nas periferias urbanas (Rancho Contento e Club de Golf Santa Anita, em 1967; Bugambillas e El Palomar nos anos 70). Estas primeiras urbanizações fechadas de luxo serviram depois como modelo para a grande difusão que se seguiu. A crise nos anos 80 fez reduzir a dimensão das novas urbanizações e dos seus equipamentos e estendeu a oferta às classes médias; é desta época o Club Residencial Puerta de Hierro, de 124 hectares, muito similar ao homónimo madrileno, e que se tornou o mais emblemático fraccionamento cerrado de Guadalajara.

Na sua difusão, como se depreende dos artigos podemos identificar várias gerações:

- 1ª - Anos 20/30: Nos anos 20, nos Estados Unidos desenvolveram-se como CID (Common Interest Development); eram exclusivos de elites muito res-

² Ideias que também nos remetem para a obra pioneira nesta matéria (BLAKELY, Edward J.; SNYDER, Mary Gail, 1997, *Fortress America. Gated Communities in the United States*) e para algumas das que vão surgindo aqui e acolá; destas destacamos: CALDEIRA, Teresa Pires R., 1997, Enclaves fortificados: a nova segregação urbana, in *Novos Estudos CEBRAP*, nº 47, Março, pp.115-176, São Paulo, Brasil; idem 2000, *Cidade de muros*, Editora Cidade, S. Paulo.

tritas e fiéis; na Argentina o primeiro é o Tortugas Country Club datado de 1930 e que ainda mantém traços do charme e clientela inicial (mesmo que tenha perdido importância).

- 2ª - Anos 60/70 e sobretudo 70; destacam-se os countries/ clubes de campo para as classes sociais alta e média-alta. Na América Latina estavam ligados à burguesia dominante e tinham muros, vigilância, equipamentos de qualidade, autogoverno, etc.. Em Guadalajara têm antecedentes que remetem para 1943 (colônia Chapalita) ou 1953, em que se constituiu a associação dos residentes em Chapalita (cfr. In Barajas, 2002: 120). No Brasil, nos finais dos anos 80, haveria cerca de 140 empreendimentos desse tipo. Na América Latina surgiram também neste período os condomínios ideológicos (por motivos políticos) como defesa do controle imposto pelas ditaduras no governo.
- 3ª - Meados dos anos 80: as estruturas urbanas fechadas estendem-se a vários segmentos das classes média-alta e média, como sucedâneos, na Argentina, dos countries/clubes de campo e dos bairros/condomínios fechados das elites tradicionais³. No Brasil, são também esses os dois tipos fundamentais, os Clubes de chacras/clubes de campo e os enclaves urbanos fortificados. Para Guadalajara, México, 1986 constitui uma data emblemática nesta matéria, com o lançamento da “Puerta de Hierro”, à semelhança do seu homónimo em Madrid.
- 4ª - Anos 80/90: os clubes de chacras estendem-se a outros segmentos da classe média, sobretudo em países em que o poder de compra melhorou ou em que se tornaram mais evidentes os sinais de insegurança (por exemplo na Argentina); valorizam a paisagem e pretendem mimetizar-se com ela (La estancia La Macarena, em Capilla del Señor); tiveram uma difusão explosiva (em cinco anos, entre 1995 e 2000 passaram de 78 para 416). Os condomínios ideológicos-ecológicos tiveram também grande difusão (escolhidos pelo modo de vida e exclusividade e pelas convicções ideológicas).
- 5ª - Anos 90: surgem ainda as torres-jardim, implantadas numa propriedade única, cercadas por muros e com os equipamentos colectivos e de lazer incorporados. Nos países em que os loteamentos fechados são uma prática ilegal mas o cercar uma propriedade única não o é (vários da América Latina), estes condomínios resolvem o problema da divisão da propriedade e a falta de “grandes espaços” disponíveis na cidade.

Em Guadalajara as estruturas urbanas fechadas localizam-se, em geral, na periferia mais nobre, a NW e SW da cidade. Em 2002, na área metropolitana de Guadalajara identificavam-se 150 cotos cerrados (cfr. In Barajas, 2002: 125-126).

³ Estão associados na FACC, Federação Argentina de Clubes de Campo, www.facc.com.ar.

No Brasil, nos finais de 1999, segundo o diário La Nación, seriam cerca de 400, ocupando mais de 25 mil hectares, com 30 mil fogos construídos, 15 mil famílias vivendo em permanência; envolvendo cerca de 120 mil habitantes e 75 mil postos de trabalho permanentes e directos. Segundo a FACC, em 2002, seriam na Argentina, cerca de 500 com 100 mil lotes envolvidos e 36 mil hectares de terreno.

A permissividade das autoridades locais foi quase sempre um contributo importante para o seu desenvolvimento

Os efeitos na organização do território

Ao longo dos artigos, afirma-se várias vezes, que os efeitos na organização do território estão, em geral, pouco avaliados embora existam neste momento especialistas em todo o mundo debruçados sobre a temática. Serão exclusivos ou excludentes? São elementos dissonantes no desenvolvimento urbano, que não assentam na interligação com a proximidade, são ilhas e não unidades urbanas. As urbanizações fechadas podem ser pensadas como formas de uma nova política de lugares que está a ser levada a cabo pelos poderes públicos, pelo mercado e pelos diferentes sectores sociais envolvidos no fazer cidade. Esta política de lugares (muitas vezes designada como uma nova cultura de cidades) remete-nos para aspectos antropológicos, para as estratégias utilizadas na configuração, consolidação e reprodução destas urbanizações, nomeadamente a estratégia da natureza; para aspectos políticos e sociais relacionados com a fragmentação da sociedade, do território e da gestão do território; para aspectos económicos, pois convertem os lugares em mercadorias e alteram a distribuição espacial das funções económicas e estendem o capitalismo neoliberal às formas de lazer, massificando equipamentos e desportos mais raros. Têm uma componente simbólica importante, considerando a habitação como mercadoria-signo e valorizando a produção simbólica dos espaços. As novas centralidades urbanas que geram seguem o modelo Los Angeles (não há um centro e uma periferia mas uma rede de transportes e comunicações densa e a mobilidade como prioridades). A rejeição *do zonamento* (físico) em que assentam assemelha-os a verdadeiras unidades de povoamento (homogéneas ou pelo menos pouco diversificadas socialmente).

Principais linhas de investigação/ questões para reflexão

Os títulos dos artigos são sugestivos para traduzir as principais linhas de investigação nesta problemática; quase a transcrevê-los, destacamos algumas dessas linhas e os autores que tratam a temática neste livro:

- É possível encontrar diferenciações nos modelos, nas motivações, nas tipologias, nas utopias que suportam estes “fraccionamientos cerrados” atra-

- vés da comparação das suas localizações: nas cidades centrais/capitais (Axel Borsdorf), nas cidades não metropolitanas (Paulo Roberto Rodrigues Soares), nas cidades médias (Julio Cesar de Lima Ramires; Beatriz Ribeiro Soares), na cidade consolidada (Guillermo Tella; Max Welch Guerra)?
- Serão estas urbanizações fechadas uma forma de “construir mundos, levantar muros e preservar patrimónios”? (Patricia Safa)
 - São o retorno às fronteiras intra-urbanas? (Sonia Vidal-Koppmann)
 - Serão a busca da segurança e da privacidade perdidas? (Adriano Rovira Pinto)
 - O retorno à cidade medieval? (Amalia Inés G. de Lemos; Francisco Capuano Scarlato; Reinaldo Paul P. Machado)
 - Serão novas formas de apropriação e fragmentação do espaço? (Cristina Teresa Carballo)
 - Novos territórios urbanos e novas formas de habitat? (Maria da Encarnação Beltrão Sposito)
 - Não passam de processos de segregação sócio-espacial? (Oscar Bragos; Alicia Mateos; Silvina Pontoni)
 - Constituem novas formas mas com velhos valores? (Luis Felipe Cabrales Barajas; Elia Canosa Zamora)
 - Serão as novas centralidades da cidade do futuro? (Alfonso Valenzuela Aguilera)
 - Espaços de simulação? (Eloy Méndez Saíñz)
 - A tradução da comunidade como o mundo imaginado? (Mónica Lacarrieu)
 - Serão a base para um novo modelo de cidade? (Michael Janoschka)
 - As urbanizações fechadas serão o fechamento das cidades como uma resposta à abertura das economias e das sociedades? (Fernando Gaja I. Díaz)

Este novo habitat urbano constitui-se como uma fonte de tensões e de indife-renças que apelam a outro conceito de cidadania e à necessidade de construir novos conhecimentos nestas matérias. É a grande aposta deste livro, que reúne contributos preciosos de Mexicanos, Argentinos, Chilenos, Brasileiros, Cubanos, Espanhóis, Belgas e Alemães. Todos convergem na procura de soluções que atenuem as tensões geradas ou agravadas, traduzindo preocupações que já se estenderam aos programas financiados pela UNESCO e que estão na base deste livro-colóquio que apresenta os resultados das pesquisas já efectuadas. É um contributo excelente para a compreensão deste fenómeno que atravessou fronteiras políticas e ideológicas, estendendo-se aos vários continentes e que leva a repensar a “Ideia de Cidade” e as formas de “fazer cidade”.